



Bultmann, Rudolf. *Demitologização: coleção de ensaios*, trad. Walter Altmann e Luís Marcos Sander. São Leopoldo/RS: Editora Sinodal, 1999, 119pp.

Bultmann ficou famoso em virtude do seu programa hermenêutico marcado pela demitologização<sup>i</sup>, todavia, na verdade, esse teólogo sacudiu por duas vezes o mundo teológico. A primeira vez foi quando de sua conversão à teologia dialética introduziu na exegese bíblica, a qual era conduzida segundo os princípios da crítica histórica liberal, o método histórico das formas (*Formgeschichte*). A segunda vez foi quando aprimorou o seu programa hermenêutico com a teoria da demitologização.

Rudolf Karl Bultmann nasceu em Wiefelstede (Oldenburgo), na Alemanha, em 20 de agosto de 1884. Filho mais velho de um ministro protestante da Igreja Luterana, cresceu num ambiente profundamente religioso. Iniciou seus estudos teológicos na Universidade de Tübingen, em 1903. No ano seguinte passou para a Universidade de Berlim e dois anos depois para a de Marburg. Foi aí que, em 1910, licenciou-se em teologia, com a tese "O Estilo da Pregação Paulina e a Diatribe Cínico-estóica", e dois anos mais tarde obteve a livre docência, com uma dissertação sobre a exegese de Teodoro de Mopsuéstica. A maior parte de sua carreira foi passada na Universidade Marburg (1921-1951), onde assumiu a cátedra de Novo Testamento<sup>ii</sup> e de História da Igreja Primitiva. Faleceu em 1976 atormentado por várias doenças, entre as quais a cegueira.



Rudolf Bultmann

A obra a qual nos propomos a resenhar é composta de quatro ensaios: (a) Novo Testamento e Mitologia: o problema da demitologização da proclamação neotestamentária<sup>iii</sup>; (b) Jesus Cristo e mitologia; (c) O problema da demitologização; (d) A questão do milagre.

O ensaio "Novo Testamento e Mitologia" inicia com uma afirmação bem provocante: "A concepção do universo do Novo Testamento é mítica (p. 5)". Ele começa fazendo uma breve descrição do universo sob a perspectiva do Novo Testamento. O universo é considerado como dividido em três andares: céu, que é a moradia de Deus; a terra que não é só o lugar do acontecer natural e cotidiano, mas também o cenário da atuação de poderes sobrenaturais; e o inferno. Nas três primeiras páginas já sentimos o que iremos encontrar nas demais: ele diz que o fato



de demônios poderem possuir o homem, de Deus dirigir seu pensar e querer, as manifestações do Espírito Santo, a revelação de Deus na história, toda doutrina da salvação, bem como a crucificação e a ressurreição, tudo isso é linguagem mitológica (5-7). Afirma ainda que "a linguagem mitológica é inverossímil para o ser humano de hoje, pois para este a concepção mítica do universo é algo passado<sup>iv</sup>" (p. 7).

O tema central da palestra é responder a seguinte pergunta: "Pode a proclamação cristã esperar do ser humano de hoje que aceite como verídica a concepção mítica do universo?" Bultmann crê que é impossível para o ser humano moderno aceitar uma concepção do universo de uma época passada, pois "uma concepção do universo não é algo que se possa apropriar-se mediante uma resolução, mas já está configurada para o ser humano junto com sua respectiva situação histórica" (p. 7). Reconhecido o problema, o que fazer? O nosso teólogo mesmo levanta essa questão: "Tal destruição crítica da mitologia neotestamentária tem como consequência a eliminação crítica da própria proclamação do Novo Testamento?" (p. 13) Para o nosso teólogo o método dos liberais está incorreto, eles eliminam a mitologia fazendo com que o evangelho se reduza a alguns princípios básicos de religião e ética. Contra esse método ele coloca uma ressalva: "Em todo caso não se pode salvá-la reduzindo o mitológico mediante seleção ou cortes". Ele diz que a solução consiste na demitologização, que nada mais é do que procurar compreender a intenção do mito e não sua eliminação, como fazem os liberais<sup>v</sup>. O mais interessante nesse ensaio é o item referente a compreensão cristã do ser (20-25), onde o teólogo analisa o ser humano em sua relação com a fé: ele pode estar "fora da fé" ou "na fé". Se ele está "fora da fé" ele está vivendo para a carne, no mundo, em busca das coisas visíveis e transitórias<sup>vi</sup>. Se ele está "na fé" ele vive a partir do que é invisível e indisponível.

O ensaio "Jesus Cristo e mitologia" continua o tema do ensaio anterior. Bultmann diz que Paulo foi quem deu início a esse processo de demitologização, mesmo que parcialmente, enquanto João o fez radicalmente (p. 62). Ele diz que no caso de Paulo o passo decisivo para a demitologização foi dado quando este percebeu que a passagem do velho mundo para o novo não era uma questão futura, mas já havia acontecido com a vinda de Jesus Cristo (p. 62). Depois de Paulo, declara Bultmann, João demitologizou a escatologia de modo radical. Para João, o que constitui o acontecimento salvífico escatológico é a vinda e a partida de Jesus. A ressurreição de Jesus, o Pentecostes e a parusia de Jesus são um único acontecimento, e os que crêem possuem já agora a vida eterna (p. 63). Outro ponto importante desse ensaio é o concernente à mensagem cristã e a sua relação com a cosmovisão moderna. Bultmann tece algumas considerações que são muito importantes para o cristão de hoje. Ele alerta que o ser humano moderno corre o risco de esquecer duas coisas: (a) que seus projetos e suas iniciativas não deveriam se reger por seus desejos de felicidade e segurança, utilidade e sucesso, mas sim por sua resposta obediente à exigência de bondade, fidelidade e verdade, quer dizer, por sua obediência ao mandamento de Deus, que o ser humano esquece em seu egoísmo e presunção; e (b) que é ilusão supor que as pessoas possam alcançar uma segurança



autêntica organizando sua própria vida pessoal e comunitária (p. 66). Diz o teólogo de Marburg que "crer na palavra de Deus significa renunciar a toda segurança meramente humana e, assim, desfazer-se do desespero gerado pela busca – sempre vã – da segurança" (p. 67). Para finalizar as considerações sobre esse ensaio não posso deixar de examinar a significação de Deus como atuante, um dos temas mais polêmicos da teologia de Bultmann<sup>vii</sup>. Ele declara que "a ação de Deus está oculta a todos os olhos, exceto aos olhos da fé" (p. 79). Continua ele a explicar: "Na fé percebo que a visão científica do mundo não inclui toda a realidade do mundo e da vida humana" (p. 81). Para o teólogo da demitologização, a ação de Deus não é visível nem suscetível de prova alguma, os fatos salvíficos não podem ser demonstrados, o Espírito outrogado aos crentes não é um objeto visível para a observação objetiva. Para Bultmann a invisibilidade da ação de Deus exclui todo mito que intente tornar visível a Deus e sua ação; Deus se furta à visão e à observação (p. 93).

O penúltimo junto com o último ensaio são os menores. O problema da demitologização e a questão do milagre são os assuntos abordados. No ensaio que trata do problema da demitologização, o autor analisa um tema muito complexo, o qual seu pensamento o leva contra a ciência histórica. A ciência histórica propõe que "o historiador, como sujeito que observa, se contrapõe à história como objeto e, assim, se coloca, enquanto espectador, fora do processo histórico que transcorre no tempo" (p. 96). O autor, entretanto, aponta que a deficiência dessa concepção de ciência histórica está no fato de que "na compreensão moderna de história a realidade é entendida de outro modo do que no enfoque da visão objetivadora, a saber, como a *realidade do ser humano que existe historicamente*" (p. 96). Para Bultmann, a história só pode ser vista sob a óptica existencialista, ou seja, "a história é o terreno das decisões humanas. Ela torna-se compreensível quando é vista como tal, i. é, quando se percebe que nela estiveram atuantes as possibilidades da autocompreensão humana – possibilidades que também são possibilidades da autocompreensão presente, e que só podem ser percebidas em conjunto com estas" (p. 97). O ensaio sobre a questão do milagre é polêmico, em vista de que esse assunto sempre foi alvo de polêmicas. Bultmann ensina que:

- 1) O milagre é ação de Deus, diferentemente de um acontecimento natural que se origina a partir de suas causas naturais ou da vontade e atuação humana;
- 2) O milagre é um acontecimento milagroso *contra naturam*, sendo que o termo "natureza" é concebido como o processo natural que transcorre numa ordem regular.

Para Bultmann "a idéia de milagre como acontecimento miraculoso tornou-se impossível para nós hoje, porque entendemos o processo natural como processo que segue leis, concebendo, portanto, o milagre como ruptura do nexos baseado em leis do processo natural; e esta idéia não é mais concebível para nós hoje" (p. 105). Mesmo



não admitindo a segunda forma de milagre não nega a primeira, contudo, ensina que a ação de Deus sempre será inconstatável aos olhos humanos. Deus age em secreto. Deus não é constatável, portanto, o milagre também não. Bultmann explica que "o milagre enquanto milagre é abscondito, abscondito para a pessoa que não vê a Deus nele. Está claro, portanto: 1) que o milagre do qual fala a fé de fato não é um evento miraculoso; pois este é justamente um acontecimento constatável; 2) que o milagre não fundamenta a fé no sentido de que ele, como acontecimento constatável, permitisse que se venha a inferir dele a existência do Deus invisível". Continua Bultmann "a abscondidade de Deus não significa sua invisibilidade de modo geral; ela não significa primordialmente que ele é inacessível para os sentidos, para o experimento, mas ele é abscondito para mim".

Resenhar quatro ensaios de Butlmann não é uma tarefa fácil, pois o autor não é exatamente um teólogo, mas, um erudito do Novo Testamento, considerado o maior erudito da disciplina do século XX e como salienta Tony Lane, o mais influente. O nosso teólogo chamou atenção para a questão da interpretação, apontou o abismo entre a cosmovisão do homem moderno e aquela descrita no Novo Testamento. Battista Mondin ressalta que "a demitologização corresponde inegavelmente a uma das necessidades permanentes da fé, a de conservar pura a mensagem revelada e manter intacta a sua inteligibilidade. Bultmann teve o mérito singular de ter revelado sua urgência num momento em que, por múltiplas razões, a mensagem original parece poluída por muitos elementos estranhos e parece ter perdido toda eficácia".<sup>viii</sup> Entretanto, Bultmann se excedeu na aplicação da filosofia existencialista à teologia neotestamentária, bem como na sua concepção de que "todo embasamento histórico e sobrenatural faça parte da forma e não do conteúdo da Revelação, na medida em que seria fruto da visão científica e filosófica dos primeiros cristãos"<sup>ix</sup>. No Brasil existe uma grande aversão pela teologia de Bultmann, porém, a maioria dos que afirmam possuir tal sentimento em relação ao teólogo, ao menos conhecem os pontos básicos do seu pensamento. Não há como a teologia brasileira se desenvolver mantendo tais preconceitos infundados propostos por alguns fundamentalistas. Encerro essa resenha citando Battista Mondin que mostra um pouco da espiritualidade desse brilhante teólogo<sup>x</sup>:

*"O fato de recolher donativos junto com o sacristão, depois da homilia aos domingos, também confirma como a especulação filosófica nunca se separou da vida religiosa concreta em Butlmann"* (Battista Mondin, *Grandes Teólogos do Século XX*, p. 178).

Julio Cesar de Macedo Fontana\*



<sup>i</sup> Seu ensaio "Novo Testamento e Mitologia: o problema da demitologização da proclamação neotestamentária" foi publicado em 1941.

<sup>ii</sup> Johannes Weiss foi quem orientou Bultmann para os estudos de exegese neotestamentária.

<sup>iii</sup> Este histórico artigo foi originalmente apresentado em forma de palestra, a 21 de abril de 1941, em Frankfurt junto ao Meno, num encontro da Sociedade de Teologia Evangélica (p. 5).

<sup>iv</sup> No ensaio Jesus Cristo e Mitologia ele faz a mesma afirmação, entretanto de forma mais completa: "A cosmovisão bíblica é mitológica e, portanto, inaceitável para o ser humano moderno, cujo pensamento é moldado pela ciência natural e por isso não tem nada mais de mitológico" (p. 64).

<sup>v</sup> Bultmann explica que "demitologizar não significa rechaçar em sua totalidade a Escritura ou a mensagem cristã, mas sim a cosmovisão bíblica, que é a cosmovisão de uma época passada, com demasiada frequência mantida ainda na dogmática cristã e na pregação da Igreja. Demitologizar significa negar que a mensagem da Escritura e da Igreja esteja vinculada a uma cosmovisão antiga e obsoleta" (p. 63).

<sup>vi</sup> Alguns termos utilizados no Novo Testamento como: mundo, carne, espírito, morte são vistos sob a perspectiva da demitologização. Por exemplo: Carne é "a esfera do visível, do tangível, disponível, mensurável, e, como esfera do visível, também a do transitório".

<sup>vii</sup> Uma declaração irônica feita pelo historiador e filósofo Ernest Renan no prefácio da 13ª edição da sua "Vida de Jesus" foi exatamente o ponto de apoio da concepção de Bultmann sobre os "milagres". Renan disse: "os milagres são dessas coisas que nunca acontecem; somente as pessoas crédulas acreditam vê-los; não se pode citar um único que se tenha passado diante de testemunhas capazes de constatá-los" (Publicada pela Editora Martin Claret, 2004, p. 19).

<sup>viii</sup> Grandes Teólogos do século XX, Battista de Mondin, São Paulo: Editora Teológica, 2003, p. 200.

<sup>ix</sup> Mondim, p. 201.

<sup>x</sup> Resolvi comentar algumas afirmações que o teólogo reformado Augustus Nicodemus Lopes fez em sua resenha do livro Jesus Cristo e Mitologia, publicado pela Editora Novo Século. Ele afirma que "Este livro, portanto, tem valor real apenas histórico, para os interessados em estudar aquele período em que o famoso programa de 'desmitologização' proposto por Bultmann dominou o cenário". Partindo do ponto de vista de Nicodemus seria impróprio estudarmos Agostinho, Aquino, Zwinglio, Calvino, Lutero, Barth, Tillich, Brunner, Bonhoeffer, entre outros. Todos eles apresentam alguma deficiência na abordagem teológica – não existe teologia perfeita. Nicodemus também afirma que "na minha opinião, do ponto de vista dos estudos reformados do Novo Testamento, há pouca coisa que possa ser considerada positiva em Bultmann". Discordo do pensamento de Nicodemus. Será que poderíamos descartar da teologia de Bultmann e seu programa hermenêutico? Afirimo que não existe uma teologia, ou qualquer estudo sobre o Novo Testamento que o teólogo da "desmitogização" não seja o mais consultado dentre os teólogos. Nicodemus diz também que "sua obra nem cristã poderia ser considerada". Já verificamos que isso não é verdade. Bultmann e sua teologia foi essencial para obstruir o caminho dos liberais, quem sabe sem a teologia de Bultmann não estivéssemos hoje no meio de algumas prescrições morais e éticas do evangelho. A última crítica que Nicodemus faz é em relação a editora a qual publicou o livro de Bultmann, no caso a Editora Cristã Novo Século, ele diz: "talvez a publicação da obra clássica de Bultmann reflita o desejo dos editores de ver conhecido seu pensamento no Brasil". Esclareço que a editora publicou essa obra no ano de 2000, enquanto essa mesma obra foi publicada pela Editora Sinodal desde 1987. Seriam então três editoras empenhadas em disseminar o pensamento bultmaniano no Brasil: Sinodal, Novo Século e Teológica. Ressalto ainda que a sua Teologia do Novo Testamento publicada em 2004 pela Editora Teológica é a melhor teologia neotestamentária hoje disponível no Brasil. Gottfried Brakemeier, um teólogo luterano renomado, declara que a teologia de Bultmann "colocou referenciais permanentes", "de forma alguma está superada", "nenhuma teologia do Novo Testamento depois de Bultmann, tem licença de passar ao largo dos desafios implícitos na posição desse ilustre especialista", "em caso de discordância, deve explicações". Encerrando a questão e mostrando que o teólogo reformado foi equivocado nas suas afirmações, cito Battista Mondin, doutor em História e Filosofia da Religião por Havard, que diz: "A produção literária de Bultmann não é tão vistosa como a de Barth, mas todos os seus escritos são altamente significativos e levam a marca de um estudioso consciencioso, atento, agudo, profundo e genial, dotado de uma bagagem crítica, filológica e também filosófica incomum" (Grandes Teólogos do Século XX, p. 178).

\* O autor possui 25 anos está graduando em teologia.